

## Descoberta foi meio por acaso

Quando eles foram para a Amazônia, em julho de 1994, imaginavam que iriam apenas registrar em vídeo e em fotografias as belezas naturais do maior parque florestal do país, o Parque Nacional do Jaú, no estado do Amazonas.

Contratados pela entidade preservacionista World Wild Life Fund (WWF, Fundo Mundial para a Conservação da Vida Selvagem), eles já se dariam por satisfeitos se assim fosse.

Mas na tarde do dia 9, dia de jogo da Copa do Mundo, as péssimas imagens de TV captadas por uma parabólica instalada no barco onde estavam, junto com vários pesquisadores, fizeram os quatro desistirem do jogo entre Brasil e Holanda.

Preferiram verificar que diabos seriam as tais "casas velhas" de que um dos pesquisadores com quem haviam se encontrado na região, o especialista em jacarés George Rebe-lo, falara há pouco.

**Ruínas** — Foi assim que o professor e roteirista Victor Leonardi, o cineasta Sérgio Bernardes, o fotógrafo Juan Pratginestós e o músico Guilherme Vaz — autor da trilha sonora do vídeo bancado pela WWF — se depararam com as ruínas de uma cidade abandonada à margem direita do rio Negro.

Coordenador do Núcleo de Estudos Amazônicos da Universidade de Brasília (UnB), onde dá aulas de História, Victor Leonardi, 53 anos, 22 dos quais dedicados à pesquisa da região, jamais esquecerá a emoção daquele dia. "Para um historiador, já é uma coisa séria encontrar um documento do século XVII. Imagina você descobrir uma cidade inteira, no meio do mato", diz ele.

"Não que a gente tenha descoberto", apressa-se a corrigir Leonardi. "As pessoas ali da região sabiam daquilo. Mas estava tudo esquecido, abandonado."

**Eldorado** — O também historiador Geraldo Pinheiro, diretor do Museu Amazônico, em Manaus, acha que é modestia. "O conhecimento dessas ruínas era muito restrito. Foi o professor Victor quem as descobriu e chamou atenção para a necessidade de preservá-las", afirma Pinheiro.

De fato, as ruínas encontradas por Leonardi e seus três acompanhantes representam, para historiadores, uma espécie de Eldorado. Elas não são, claro, a cidade de ouro que, segundo lendas seculares, estaria enterrada no coração da floresta amazônica.

Mas valem muito por seu significado histórico. São, afinal, o que resta do mais antigo povoamento do vale do rio Negro: a vila de Airão ou Velho Airão, cuja origem, anterior à de Ouro Preto ou de Manaus, remonta a 1658.

## Sítio deverá ser tombado

Mais de um ano depois da visita ocorrida em julho de 1994, que durou só algumas horas, foi organizada, sob o patrocínio do Ministério do Meio Ambiente (MMA), uma expedição com 21 pesquisadores até as ruínas de Velho Airão.

Realizada entre 27 de agosto e 2 de setembro do ano passado, ela foi batizada de expedição Amanai II, nome do barco do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) tomado emprestado pelos pesquisadores.

"O barco era uma universidade flutuante", define um de seus passageiros, o historiador Victor Leonardi.

Além de historiadores, participaram da expedição especialistas em arqueologia, topografia, arquitetura, gerenciamento ambiental e até em mirmecologia (ciência que estuda as formigas).

**Relatórios** — Os resultados do trabalho formam um volumoso conjunto de textos, mapas, fotos e plantas reunidos em três relatórios, aos quais o **Correio Braziliense** teve acesso. Eles servirão de base para a preservação do sítio histórico do Airão.

Um dos integrantes da expedição, o chefe da Coordenação de Proteção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Marco Antônio Galvão, não tem dúvidas de que

a localidade requer tombamento.

"Você vendo o que existe lá, fica até emocionado", conta Galvão. O tombamento daria ao que sobrou da vila o status oficial de patrimônio histórico, primeiro passo para impedir sua destruição e para recuperar os poucos imóveis que ainda podem ser restaurados.

No maior deles, um casarão onde funcionava a principal casa comercial do Velho Airão, pretende-se instalar um museu, que seria parte de um amplo projeto de ecoturismo para o qual o governo federal já garantiu apoio.

**Geografia** — A 250km de Manaus, subindo o rio Negro, a vila fica no município de Novo Airão, cuja sede está a 100km de distância. De lá até Velho Airão só é possível chegar de barco. Não há estrada de acesso nem campo de pouso.

Não é difícil entender o isolamento da cidade desde que foi abandonada, há duas décadas e meia. "Quem passa pelo canal de navegação principal do rio Negro não consegue avistá-la por causa da grande quantidade de ilhas existentes na região", diz Leonardi.

Tais ilhas e os inúmeros lagos que se formam quando o rio enche explicam por que o experiente piloto do Amanai II se perdeu e acabou atrasando em três horas a viagem de barco de Manaus até Airão, que normalmente dura 22 horas.

## RUÍNAS E HISTÓRIA



*Acima, um velho casarão que foi reformado na década de 50 e transformado em armazém. À direita, na parte superior, vista parcial da cidade nos anos 40. Ao lado, uma das inúmeras inscrições em pedra encontradas nas imediações do Velho Airão. O exame preliminar dessas gravações não permitiu às arqueólogas Catarina Eleonora Ferreira da Silva e Tânia Andrade Lima comprovar se elas são pré-históricas.*



*Não seria surpresa, uma vez que há evidências de que o Vale do Rio Negro é habitado há cerca de 12 mil anos. Na vila, onde examinaram os restos da cidade de Velho Airão, as duas recolheram peças de cerâmica, objetos de uso doméstico e materiais de construção que retratam grande parte da história da localidade, desde os tempos em que ela era um aldeamento indígena mantido sob o controle de padres católicos.*



## Formigas teriam provocado abandono da vila

Moradores de Novo Airão, para onde se transferiu grande parte da população do Velho Airão, têm uma curiosa tese para explicar as razões da desocupação da mais velha cidade do vale do rio Negro.

Eles dizem que a população abandonou a cidade para fugir das formigas, cuja incidência teria crescido a ponto de tornar a permanência ali insuportável.

Pode lembrar o realismo mágico de García Márquez ou certa literatura de cordel, mas essa possibilidade foi levada a sério pelos organizadores da expedição Amanai II.

Daí a decisão de incluir uma especialista no assunto, a mirmecóloga do Inpa Ana Yosni Harada, entre os participantes da viagem.

**Multiplicação** — Em seu relatório, Harada não descarta a hipótese de as formigas terem colocado a população da localidade para correr.

Ela encontrou uma quantidade relativamente pequena de formigas no Airão. Mas observa que isto pode ter ocorrido porque a vila está abandonada há muito tempo. Como costumam preferir restos de alimento humano, as formigas costumam crescer mais quando há gente por perto.



Leonardi (E), Gouvêa e Pratginestós (E): descoberta de uma vila por acaso

O secretário municipal de Desenvolvimento e Meio Ambiente de Novo Airão, Carlos Roberto Gouvêa, suspeita que as formigas apenas se mudaram para Novo Airão, que chegou a aparecer no programa *Fantástico por conta disso* em 1990.

"Não é sempre, isso é sazonal", relata Gouvêa. "Quando o rio co-

meça a encher, elas vão aparecendo. Na minha casa, não sei mais o que fazer porque elas se multiplicam de forma assustadora."

**Revolta** — Ao problema das formigas costuma se acrescentar a versão que atribui o abandono do Velho Airão à revolta das elites políticas locais.

Transformado em sede de município em 1955, o Velho Airão não tinha um imóvel público sequer. Até a prefeitura e a Câmara de Vereadores funcionavam em imóveis de propriedade da família Bezerra, originária de Campina Grande (PB, que se tornou dona de quase toda a vila neste século.

"O problema é que os Bezerra só abriam o prédio da Câmara quando queriam. O prefeito e os vereadores se revoltaram, botaram todos os móveis num barco e mudaram para Novo Airão", diz Gouvêa.

Geraldo Pinheiro, diretor do Museu Amazônico, acha que ambas as versões podem ser verdadeiras. Mas está certo de que a causa fundamental da desocupação da cidade foi a decadência econômica.

É o que diz o último morador a deixar o Velho Airão, João Bezerra de Vasconcelos Filho.

Membro da família Bezerra, ele contou aos membros da expedição Amanai II que, sem o extrativismo que sustentava a economia local, "o comércio fracassou", o que deu início ao processo de desocupação da cidade, iniciado em 1964 e concluído em 1970.